

DIJK, Teun A. van. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012. 330 p.

**Denise dos Santos Gonçalves**

Mestranda em Estudos de Linguagem pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.  
e-mail: denisegoncalves@yahoo.com

Explicitar contextos nos quais se desenvolvam teorias relacionadas às mais diversas disciplinas tem se mostrado uma etapa importante das pesquisas acadêmicas de maneira geral. Nesse sentido, a própria palavra *contexto* está presente em diversos estudos, algumas vezes considerada como item que faz parte do conhecimento prévio de autores e leitores; supõe-se, especialmente, que o entendimento sobre os alcances do termo seja ponto pacífico entre as partes envolvidas na comunicação.

Quando o *contexto* é compreendido como um conceito que se reveste de usos e abordagens múltiplos, de acordo com o foco de interesse de cada disciplina, a percepção que se tem sobre ele pode não ser suficiente para explicar fenômenos que dependeriam dele para ocorrerem de determinada maneira. Além disso, a constatação de que as disciplinas as quais abordam o *contexto* o fazem sob os limites do que é suficiente para desenvolver estudos de cada área – tais como a psicologia social, a antropologia, a ciência política e a sociolinguística – conduz ao entendimento de que não há um conceito que o defina satisfatoriamente para todas elas.

Nesse quadro, Teun A. van Dijk, professor da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona, licenciado na Universidade Livre de Amsterdã e na Universidade de Amsterdã – onde obteve o título de doutor, editor-fundador das revistas *Poetics*, *TEXT*, *Discourse & Society* e *Discourse Studies*, atuante, ainda, como editor das duas últimas, fundador da revista multidisciplinar *Discourse & Communication* e da revista on-line *Discurso y Sociedad*, cofundador e secretário-geral da *International Association for the study of Racism*, dedicou-se a formular uma teoria sobre o *contexto*.

Partindo da verificação da inexistência de uma teoria consistente que permitisse entender como os contextos estão relacionados ao discurso e à comunicação, Van Dijk publica o livro *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Como apresenta o autor, trata-se da primeira obra totalmente dedicada ao *contexto* e suas relações com o discurso e a comunicação, no que se pode chamar de continuidade aos estudos iniciados na obra *Society in Discourse*, na qual o mesmo autor estudara o contexto nas Ciências Sociais.

Nos cinco capítulos em que se organiza a obra, o autor desenvolve sua teoria, iniciando pela demonstração de que os estudos até então existentes são falhos na tentativa de explicar o funcionamento do contexto nas interações humanas.

No primeiro capítulo, denominado *Rumo a uma teoria do contexto*, Van Dijk se

lança à análise de um fragmento proferido pelo primeiro-ministro britânico Tony Blair, na Câmara dos Comuns, em 18 de março de 2003. É a partir desse fragmento que o autor explora os conhecimentos necessários para que se compreenda o que foi dito e aponta que, além das regras gramaticais, das regras do discurso e do conhecimento de mundo, é necessário o acionamento do que se tem chamado de *contexto* – que inclui, por sua vez, a percepção sobre as identidades e os papéis dos participantes, o lugar, o tempo, a instituição, as ações políticas e o conhecimento político, dentre outros. No caso do discurso tomado como base para as análises de Van Dijk, é preciso conhecer, por exemplo, o relacionamento político que vigora entre os interlocutores e as posições de cada um deles a respeito do assunto em pauta: a ação militar no Iraque.

O discurso do primeiro-ministro inglês, que é retomado por Van Dijk em outras passagens do livro, assim como as demais fontes utilizadas para as pesquisas preliminares que dão suporte à abordagem desenvolvida na obra, é coletado na Inglaterra e nos Estados Unidos, embora a origem desses objetos de análise não pareça ser um empecilho para que a teoria se aplique em quaisquer localidades.

A noção usual de contexto, como apresenta Van Dijk, está relacionada ao seu uso recorrente para indicar o ambiente – condições e consequências do entorno, ou a localização e explicação dos fenômenos que são estudados. Para demonstrar que o fenômeno sempre foi considerado nas ciências humanas e sociais, Van Dijk refaz o percurso da literatura, da semiótica e das artes, demonstrando que as teorias dessas e de outras disciplinas, tais como a sociologia, a antropologia, a etnografia, a análise do discurso, as ciências da computação e a inteligência artificial, para citar algumas, passaram a utilizar abordagens pautadas no sentido social e contextual entre as décadas de 1960 e 1980. No entanto, somente na década de 1990 o *contexto* e a *contextualização* passaram a ser considerados conceitos-chave, muito embora a noção de *contexto* não se tornasse objeto de estudos consolidados na forma de artigos ou monografias, ainda que o termo esteja presente em trabalhos acadêmicos de maneira geral.

Com sustentação em pesquisas realizadas em torno da ocorrência da palavra *conceito* no buscador do *Google*, no “Banco de Palavras” da Língua Inglesa, em dicionários, assim como em uma análise informal dos meios de comunicação de massa, o autor conclui que, no dia a dia: a) a palavra *contexto* é utilizada com menor frequência do que as palavras *interação* e *ambiente*; b) nos dicionários, os sentidos de *contexto* são, basicamente, o verbal e o das circunstâncias ou condições sociais, políticas, econômicas, históricas, etc.; c) a imprensa utiliza prioritariamente os sentidos apresentados nos dicionários, bem como os que se relacionam a *perspectivas* e afins. Assim, basicamente o emprego trivial do termo *contexto* se vincula à relação de algo a uma dada situação, condições, circunstâncias ou pano de fundo.

A teoria de Van Dijk se resume nos pressupostos de que: a) os contextos são construtos subjetivos dos participantes, na medida em que as situações sociais, políticas e culturais são submetidas à interpretação dos que participam da comunicação, antes mesmo de influenciarem o discurso; b) os contextos são experiências únicas, uma vez que estão relacionados a eventos do discurso, os quais envolvem experiências, emoções, conhecimentos, perspectivas e opiniões próprias de cada participante, em cada situação específica de interação; c) os contextos são modelos mentais, do tipo mo-

delos de contexto, que representam as situações comunicativas; d) os contextos são um tipo de modelo de experiência

No capítulo *Contexto e Linguagem*, Van Dijk se propõe a apresentar críticas à abordagem que a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), fundada por M. A. K. Halliday, faz do *contexto*. Adverte, no entanto, que não apresenta, na obra em análise, uma avaliação exaustiva da LSF, mantendo sua abordagem em uma perspectiva mais ampla. Os aspectos da LSF discutidos por Van Dijk teriam sua raiz no fato de que ela se originou de uma gramática da sentença, o que teria ocasionado: o excesso de gramática da sentença; a insuficiência de noções autônomas de teoria do discurso; antimentalismo; desinteresse pela cognição; limitações à teoria social da linguagem; vocabulário esotérico em excesso; insuficiência de dinamismo teórico, elaboração e autocrítica (VAN DIJK, 2012, p. 53). Ainda assim, adverte que os problemas que aponta são gerais e não afetam todos os estudos orientados pela LSF, cuidando de ressaltar que essa teoria acrescentou relevantes contribuições para os estudos da linguagem e do discurso.

O capítulo *Contexto e Cognição* é dedicado ao desenvolvimento da teoria dos modelos de contexto. Nessa teoria, Van Dijk desenvolve o princípio de que os contextos são modelos mentais, construtos dos participantes da interação acerca de propriedades que são relevantes para eles. São, portanto, pessoais e subjetivos, mas não estão isentos de condicionamentos objetivos decorrentes da percepção que os participantes têm, por exemplo, das coisas, das pessoas e dos espaços. Para isso, Van Dijk evidencia as categorias que servem de parâmetro pelos sujeitos da comunicação no estabelecimento dos contextos. São elas: o ambiente – tempo/período, espaço/lugar; participantes; o eu-mesmo – que considera os papéis comunicativos, tipos de papéis sociais, relações entre os participantes, crenças e conhecimentos compartilhados; intenções e objetivos; ações/eventos comunicativos de outra natureza.

A definição de relevância é ponto importante no modelo de *contexto*, já que este está estritamente relacionado ao que é considerado importante pelos participantes do evento comunicativo: o que é “comunicativamente relevante nessas situações são o tipo de informações que se ajusta ao modelo de contexto e suas categorias social e culturalmente compartilhadas” (VAN DIJK, 2012, p. 118).

Embora perceba que, em estudos sobre interação e conversação, as intenções são normalmente desconsideradas, sob o argumento de que não é possível alcançá-las, Van Dijk as inclui como parte dos modelos mentais. Para planejar e realizar ações, é preciso que se pretenda fazê-lo, e isso direciona as condutas de maneira geral. Muito embora as intenções possam ser entendidas de maneira equivocada, por vezes, em virtude da própria conduta ambígua do agente, os participantes devem ser capazes de representar as ações um do outro. Intenções, no entanto, são diferentes de objetivos, estes dependentes do estado de mundo e das atividades de outras pessoas, enquanto aquelas somente dependem da capacidade do agente e da possibilidade de agir, representada pela ausência de obstáculos.

Também exerce papel determinante na produção e na compreensão do discurso, o conhecimento sociocultural compartilhado, já que a utilização da língua escrita ou falada de maneira apropriada depende da percepção que se tem sobre os conhecimentos dos receptores. É essa percepção que permite que se omitam determinadas informações, consideradas desnecessárias por serem do domínio do receptor ou, ainda,

porque ele é capaz de inferir o que não foi dito. Ao procedimento que regula essa seleção, Van Dijk denomina mecanismo-K. Contudo, os parâmetros para que um falante delimite o que o outro sabe são imperfeitos, estabelecidos em tempo reduzido, a cada momento do discurso, o que pode induzir a erros de avaliação. Portanto, a natureza das estratégias que operam no mecanismo-K depende de conhecimento pessoal, conhecimento social específico, conhecimentos socioculturais gerais, casos especiais, relevância discursiva do conhecimento, conhecimento e contextualismo em filosofia, conhecimento e base comum, base comum e modelos de contexto e de outras mentes - esta uma questão filosófica que trata da capacidade que um agente social tem de fazer inferências, concluir e comparar os outros a partir da autopercepção.

É durante a produção e a compreensão do discurso que as pessoas formam, ativam e atualizam os modelos de contexto. As maneiras pelas quais os modelos de contexto são formados, ativados, aplicados e atualizados pelos participantes dos processos discursivos são apresentadas em forma de hipóteses gerais, uma vez que não foram realizados estudos experimentais sobre esses processos.

No capítulo *Contexto e Discurso*, a análise das possíveis relações entre contexto e discurso e um balanço das dimensões discursivas controladas pelas estruturas contextuais face ao modo como essas dimensões podem influenciar os modelos de contexto que têm o escopo de identificar a função dos contextos nos discursos. Aqui também é importante retomar o entendimento de modelo de contexto como a “definição pelo participante dos aspectos relevantes da situação comunicativa” (VAN DIJK, p. 167), já que isso significa excluir o pressuposto de que as características sociais do falante têm influência direta no seu modo de falar.

O estilo, entendido como “uma propriedade específica do uso da língua ou do discurso que é controlada pelo contexto” (VAN DIJK, 2012, p. 200), deve ser considerado numa teoria que trata do contexto. O estilo, que se refere aos textos inteiros de um falante, portanto sem os limites de fragmentos verbais, é resultado de escolhas pessoais e distingue as pessoas ou grupos, contudo, pressupõe conhecimentos sobre as estruturas disponíveis. A função primordial do estilo é oferecer informações sobre as identidades pessoais e sociais dos falantes, suas intenções e outras situações sociais, permitindo a distinção de outros grupos ou pessoas. Sendo assim, o falante pode controlar o seu estilo com o objetivo de causar determinadas impressões no receptor, o que é denominado na Sociologia e na psicologia social da língua de *acomodação aos receptores*. Os modelos de contexto explicam, entretanto, que essa acomodação decorre da forma como os falantes percebem os receptores – e não exatamente do que esses receptores são realmente.

A noção de gênero textual/discursivo é apontada como determinante na mediação entre contexto e discurso. A partir da identificação dos gêneros contextuais – entorno, tipo de atividade e bases cognitivas dos participantes – e dos gêneros discursivos – tomados pelas suas estruturas, que incluem tipo de tomada ou controle de turno, semântica e estruturas esquemáticas, por exemplo – percebe-se que ambos representam características presentes numa mesma interação. No entanto, as características que distinguem os gêneros são predominantemente contextuais, ou equivale dizer que, antes de definirem-se os aspectos discursivos de um gênero, identificam-se as relações entre os participantes e os objetivos, por exemplo.

O exame da variação do discurso na gramática, nos níveis do significado, da ação e da interação – sinônimos, metáforas, perspectivas, agentividade, tempo, modalidade, dentre outros e, por fim, a consideração de dimensões formais e superestruturas – demonstram que os modelos mentais interferem nas escolhas lexicais, semânticas e retóricas, na medida em que são esses modelos que determinam o que os falantes pretendem representar em determinados eventos comunicativos e, via de consequência, como farão isso.

Importante contribuição de Van Dijk é a visão inovadora sobre o contexto, o que o faz lançar uma teoria que oferece novas dimensões para estudar e, principalmente, para perceber o texto nas situações reais de uso. O autor faz isso com a apresentação de uma vasta bibliografia sobre os estudos que fundamentaram as análises, muitas vezes resenhadas no corpo do texto, o que facilita a leitura da obra.

Os esclarecimentos em relação à falta de experimentação empírica do que é apresentado – o que se explica pelo caráter teórico da obra – soam como um convite para que outros pesquisadores se proponham a testar e, dessa forma, acrescentar suas próprias contribuições aos estudos sobre o contexto. Nesse sentido, *Discurso e Contexto* pode interessar a estudantes e professores da Linguística e da Comunicação, muito embora o público leitor não se restrinja a essas áreas, pelo simples fato de que o contexto faz parte de todos os eventos em que haja comunicação humana.